

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

FÓRUM PAULO FREIRE - III Encontro Internacional

Tema Geral: *Educação: o sonho possível. Paulo Freire e o futuro da humanidade*

Los Angeles, 18 a 21 de setembro de 2002

PAULO FREIRE, 5 ANOS DEPOIS Um legado de esperança

Moacir Gadotti (*)

Há onze anos atrás, no dia 12 de abril de 1991, Paulo Freire, numa reunião com educadores e amigos, aqui em **Los Angeles**, lançava a idéia da criação do Instituto Paulo Freire. Seu desejo era encontrar uma forma de reunir pessoas e instituições que, movidas pela mesma utopia de uma educação como prática da liberdade, pudessem refletir, trocar experiências, desenvolver práticas pedagógicas nas diferentes áreas do conhecimento e que contribuíssem para a construção de um mundo com mais justiça social e solidariedade. Assim surgiu o Instituto Paulo Freire (IPF). Hoje, Paulo Freire já não está entre nós, ou melhor, está em todos os nós da rede que teceu e o IPF está presente em mais de 20 países, buscando manter viva a sua luta, continuando e reinventando Freire.

Para nós, Paulo Freire continua sendo a grande referência da educação emancipadora. Ele pode ser comparado a muitos educadores do século XX, mas nenhum, melhor do que ele, formulou uma pedagogia dos silenciados e da responsabilidade social, dos oprimidos e dos que não são oprimidos, mas estão comprometidos com eles e com eles lutam, como afirma na dedicatória do seu livro mais conhecido *Pedagogia do oprimido*. Colocar Paulo Freire no passado é não querer mexer na cultura opressiva de ontem e de hoje que ele denunciava.

Creemos que o reconhecimento da importância da obra de Paulo Freire no campo da educação dar-se-á quando a escola deixar de ser confinada no seu espaço para reconhecer a **educação ao longo de toda a vida**, o que significa reconhecer que ela é essencialmente informal. O legado de Freire não pode ser considerado como uma contribuição à educação do passado, mas à educação do futuro.

Muitos educadores, reunidos em “Círculos de Cultura”, em Porto Alegre, de 25 a 30 de janeiro de 2001, durante o *Fórum Social Mundial I*, com razão, referiam-se a Freire como o educador mais coerente do século XX, cujas lições deverão continuar válidas por muito tempo. Eles lançaram um “Manifesto” onde reconhecem a atualidade do pensamento de Freire: “No século que findou, dois projetos de sociedade fracassaram relativamente ao **processo civilizatório**: um porque privilegiou o eu, eliminando o nós; o outro porque privilegiou o nós, desconsiderando o eu. Neste novo século, confrontam-se dois projetos antagônicos de sociedade: um subordina o social ao econômico e ao império do mercado; outro prioriza o social. Faz-se necessário construir um projeto de sociedade onde o ser humano seja resgatado na sua plenitude de eu e nós, com base na prioridade do social sobre o econômico. Para que este

(*) **Moacir Gadotti**, Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra (Suíça), professor titular da Universidade de São Paulo (Brasil) e diretor do Instituto Paulo Freire (São Paulo). Escreveu diversos livros, entre eles *Reading Paulo Freire: His Life and Work* (Albany: State University of New York Press, 1994), traduzido em Japonês, espanhol, italiano e português; *Pedagogy of Praxis: a Dialectical Philosophy of Education*, com um prefácio de Paulo Freire (Albany: State University of New York Press, 1996) também traduzido para o espanhol; *History of Pedagogical Ideas*, traduzido para o espanhol e *Paulo Freire: Uma Biobibliografia* (São Paulo: Instituto Paulo Freire and Cortez Editora, 1996), traduzido para o espanhol (Ciudad de Mexico: Siglo XXI, 1999). Com mais de 780 páginas é o trabalho mais completo sobre Paulo Freire.

novo mundo seja possível, é necessário que toda a humanidade entenda e aceite a educação transformadora como pré-condição. Essa educação tem como pressupostos o princípio de que ninguém ensina nada a ninguém e que todos aprendem em comunhão, a partir da leitura coletiva do mundo”.

Não se pode entender o **pensamento pedagógico** de Paulo Freire descolado de um projeto social e político. Por isso, não se pode “ser freireano” apenas cultivando suas idéias. Isso exige, sobretudo, comprometer-se com a construção de um “outro mundo possível”. Como dizia ele, “mundo não é; o mundo está sendo”¹. Sua “pedagogia sem fronteiras” é um convite para transformá-lo.

Há muitos freireanos espalhados pelo mundo. Eles se constituem hoje numa grande força de renovação da educação. Todos eles têm o direito e o dever de prosseguir o trabalho que Freire iniciou. Por isso sempre apoiamos as iniciativas, tanto no Brasil quanto no exterior, de criação de organizações, institutos, cátedras e núcleos de estudos, etc. tendo por base a **filosofia do diálogo** e o pluralismo de Paulo Freire. Não negamos a voz a ninguém, porque reconhecemos esse direito e esse dever de tantas instituições e pessoas, cada uma com o seu jeito peculiar, de dar a sua contribuição na continuidade à causa de Paulo Freire.

As idéias de Paulo Freire poderão ter despertado controvérsias, mas não a sua pessoa. Muitas das mensagens recebidas no Instituto Paulo Freire, em São Paulo, logo depois de sua morte, dia 2 de maio de 1997, dizem textualmente: “minha vida não seria a mesma se eu não tivesse lido a obra de Paulo Freire. O que ele escreveu ficará no meu coração e na minha mente”. Essa relação entre o **cognitivo** e o **afetivo** é muito forte na práxis de Paulo Freire e também naqueles que foram influenciados por ele. Essa relação era muito forte também na sua obra. Ele não envolvia as pessoas emocionalmente só através de suas tão encantadoras falas, mas também através de seus escritos.

As mensagens recebidas logo depois de sua morte revelavam o impacto teórico e afetivo sobre a vida de tantos seres humanos de todas as partes do mundo. Essas manifestações terminavam sempre com o desejo de unir-se a outras pessoas e instituições para dar **continuidade ao seu legado**, ao seu compromisso, não o compromisso com os oprimidos deste ou daquele lugar, mas com os **oprimidos de todo o mundo**.

1. Lições de vida, lições de história

Paulo Freire confessou no último grande Congresso Internacional sobre o seu pensamento, realizado em setembro de 1996, em Vitória (Espírito Santo, Brasil), que se considerava, desde sempre, como um “**menino conectivo**”². Essa característica não era apenas pessoal. Era também epistemológica. Ele conseguia, melhor do que qualquer outro intelectual que conheço, criar laços, interligar as categorias da história, da política, da economia, de classe, gênero³, etnia, pobres e **não-pobres**⁴. Sua pedagogia não é apenas uma pedagogia para os pobres. Ele, como ser conectivo, queria ver também os não-pobres e as classes médias se engajando na transformação do mundo.

Em todos os escritos de Freire, dos mais antigos aos mais atuais, ele nos falava das virtudes como exigências ou **virtudes** necessárias à prática educativa transformadora. Mas ele também nos deu exemplo de algumas virtudes, entre elas, a **coerência** e a **simplicidade**. Ele não foi coerente por teimosia. Para ele a coerência era uma virtude que tomava a forma da esperança permanente. Paulo praticava sobretudo a virtude do **exemplo**: dava testemunho do que pensava. Nessa coerência entre **teoria e prática** eu destacaria o valor da solidariedade.

¹ Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1997, p. 86.

² Edna Castro de Oliviera, Marlene de Fátima C. :Pires e Silvana Ventorini (orgs.), *Paulo Freire: a práxis político-pedagógica do educador*. Vitória, EDUFES, 2000.

³ Nelly P. Stronquist, *Literacy for Citizenship: Gender and Grassroots Dynamics in Brazil*. Albany, SUNY Press, 1997.

⁴ “Conversations with Paulo Freire on Pedagogies for the Non-Poor”, edited by William Bean Kennedy, in Alice Frazer Evans, Robert A. Evans, & William Bean Kennedy (orgs.), *Pedagogies for the Non-Poor*, New York, Orbis Books, 1986.

Outra virtude que conquistou foi a **simplicidade**. O simples não é o fácil. É difícil ser simples. Ele conseguia estranhar o saber cotidiano sem ser pernóstico, arrogante. Paulo detestava o intelectual arrogante, sobretudo o intelectual arrogante de esquerda. Para ele o intelectual de direita já era por convicção arrogante, mas o de esquerda era por deformação. É assim que termina o seu último livro: “Nem a arrogância é sinal de competência nem a competência é causa de arrogância. Não nego a competência, por outro lado, de certos arrogantes, mas lamento neles a ausência de simplicidade que, não diminuindo em nada seu saber, os faria gente melhor. Gente mais gente”⁵. O simples não se opõe ao concreto e ao complexo. Opõe-se ao prolixo. A simplicidade de Paulo Freire era densa, concreta e complexa.

Paulo Freire era também um ser humano esperançoso. Não por teimosia, mas por “imperativo histórico e existencial”, afirma no seu livro *Pedagogia da esperança*⁶. Além da **esperança** cultivou a **autonomia**. Autonomia é a capacidade de decidir-se, de tomar o próprio destino nas suas mãos. Diante de uma economia de mercado que invade todas as esferas de nossa vida, precisamos lutar - também através da educação - para criar na sociedade civil a capacidade de governar-se e de governar através de uma “esfera pública cidadã”, como dizia Jürgen Habermas, um autor muito apreciado por Paulo Freire⁷, para criar mecanismos de gestão pública não-estatal (alternativa ao socialismo autoritário). Paulo Freire tinha um verdadeiro **gosto pela democracia**. Ele sempre a tratava com carinho.

O que mais o preocupava nos últimos anos era o avanço da globalização capitalista neoliberal. Por que Paulo Freire atacava tanto o **pensamento e a prática neoliberal**? Porque o neoliberalismo é visceralmente contrário ao núcleo central do pensamento de Paulo Freire que é a **utopia**. Enquanto o pensamento freireano é utópico o pensamento neoliberal abomina o sonho. Para Paulo Freire o futuro é **possibilidade**. Para o neoliberalismo o futuro é **fatalidade**. O neoliberalismo apresenta-se como única resposta à realidade atual, desqualificando qualquer outra proposta. Desqualifica principalmente o Estado, os Sindicatos e os Partidos Políticos. Denuncia a política fazendo política disfarsadamente.

Paulo Freire atacava a **ética do mercado** sustentada pelo neoliberalismo, porque ela se baseia na lógica do controle e afirmava uma **ética integral** do ser humano. No seu livro *Pedagogia da autonomia* ele destaca: “Daí a crítica permanentemente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia. Daí a minha raiva, legítima raiva, que envolve o meu discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo. Daí o meu nenhum interesse de, não importa que ordem, assumir um ar de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos. Em tempo algum pude ser um observador ‘acinzentadamente’ imparcial, o que, porém, jamais me afastou de uma posição rigorosamente ética”⁸.

Para ele, a educação não deveria orientar-se pelo paradigma da empresa que dá ênfase apenas à eficiência. O paradigma da empresa ignora o ser humano. Para este paradigma, o ser humano funciona apenas como puro agente econômico, um “fator humano”. O **ato pedagógico** é democrático por natureza, o **ato empresarial** orienta-se pela “lógica do mercado”. O neoliberalismo consegue **naturalizar a desigualdade**: “É assim mesmo”, “Não há outra coisa a fazer”, ouve-se dizer. Por isso, Paulo Freire chama nossa atenção para a necessidade de observarmos o processo de construção da **subjetividade democrática**, mostrando, ao contrário, que a desigualdade não é natural. Insistia que era preciso aguçar nossa capacidade de estranhamento e ter cuidado com a anestesia da ideologia neoliberal: ela é fatalista. O

⁵ Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1997, p. 165.

⁶ Paulo Freire, *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo, Paz e Terra, 1992.

⁷ Veja-se Jaime José Zitkoski, *Horizontes da (re)fundamentação em educação popular: um diálogo entre Freire e Habermas*. Frederico Westphalen, Ed. URI, 2000 e Raymond Allen Morrow e Carlos Alberto Torres, *Critical Theory and Education: Freire, Habermas and the Dialogical Subject* (tradução Bianco Zalmora Garcia). “Biblioteca Freiriana” (IPF/Cortez (no prelo).

⁸ Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1997, p. 15.

neoliberalismo age como se a **globalização** fosse uma realidade definitiva e não uma categoria histórica.

A sua concepção de mundo e a sua teoria sócio-político-educativa nos ajudam não apenas a entender melhor como funciona o modelo neoliberal, mas nos ajudam a construir a resposta necessária ao neoliberalismo. Ele defende uma **nova modernidade** cuja racionalidade deve estar “molhada de afetividade”. Contra o iluminismo pedagógico e cultural que acentua apenas a aquisição de conteúdos curriculares, ele realça a importância da dimensão cultural nos processos de transformação social. A educação é muito mais do que a instrução. Para ser transformadora - transformar as condições de opressão - ela deve enraizar-se na **cultura dos povos**. A pós-modernidade se caracteriza pelo simulacro e pelo consumo imediato. Ora, a educação é um processo a longo prazo e precisa combater o imediatismo e o consumismo, se quiser contribuir para a construção de uma pós-modernidade progressista. A educação, para ser libertadora, precisa construir entre educador e educando uma verdadeira consciência histórica. E isso demanda tempo.

2. O construtivismo crítico freiriano

Paulo Freire era uma pessoa feliz. Ele tinha verdadeiro prazer em aprender e ensinar e transmitia esse prazer para os que conviviam com ele, seja na sala de aula, seja em outros lugares. Aprende-se quando se **quer** aprender e só se aprende o que é **significativo**, dizem os construtivistas. Paulo Freire também foi um dos criadores do construtivismo, mas do **construtivismo crítico**. Desde suas primeiras experiências no nordeste brasileiro, no início dos anos 60, ele buscava fundamentar o ensino-aprendizagem em **ambientes interativos**, através do uso de recursos audiovisuais. Mais tarde reforçou a necessidade do uso de novas tecnologias, principalmente o vídeo, a televisão e a informática. Mas não aceitava a sua utilização de forma acrítica.

O construtivismo freireano vai além da **pesquisa** e da **tematização**. Implica uma outra etapa: a da **problematização**, supõe a ação transformadora. O conhecimento não é libertador por si mesmo. Ele precisa estar associado a uma causa. O conhecimento é um bem imprescindível à produção de nossa existência. Por isso ele não pode ser objeto de compra e venda, cuja posse fique restrita a poucos. Paulo Freire tinha um verdadeiro **amor pelo conhecimento** e amor pelo estudo, mas dizia: conhecemos para **entender o mundo** (palavra e mundo), para **averiguar** (certo ou errado, busca da verdade e não apenas trocar idéias) e para **interpretar e transformar** o mundo. O conhecimento deve constituir-se numa ferramenta essencial para intervir no mundo.

Para Paulo Freire, o conhecimento é construído de forma integradora e interativa. Não é **algo pronto** a ser apenas “apropriado” ou “socializado”, como sustenta a “pedagogia dos conteúdos”, que insiste na memorização (de conteúdos). Conhecer é **descobrir e construir** e não copiar. No processo de busca do conhecimento, Paulo Freire aproxima o estético, o epistemológico e o social. Para ele é preciso reinventar um conhecimento que tenha “feições de beleza”.

A **escola** não distribui poder, mas constrói saber que é poder. Não mudamos a história sem conhecimentos, mas temos que **educar o conhecimento** para que possamos interferir no mercado como sujeitos. O **papel da escola** consiste em colocar o conhecimento nas mãos dos excluídos de forma crítica, porque, a **pobreza política** produz **pobreza econômica**. “Ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo”, dizia Freire. Ninguém é ignorante de tudo. O “analfabeto político” não consegue entender as causas da sua pobreza econômica. Por isso Paulo Freire associava alfabetização e politização. A pedagogia neoliberal é uma **pedagogia da exclusão** justamente porque reduz o pedagógico ao estritamente pedagógico, buscando retirar da pedagogia a sua essência política. A **pedagogia da esperança** é o oposto da pedagogia da exclusão. Ensinar é inserir-se na história: não é só estar na sala de aula, mas num imaginário político mais amplo.

Paulo Freire valorizava, além do saber científico elaborado, também o saber primeiro, o **saber cotidiano**. Sustentava que o aluno não registra em separado as significações instrutivas das significações educativas e cotidianas. Ao incorporar conhecimento, ele incorpora outras

significações, tais como: como se conhece, como se produz e como a sociedade utiliza o conhecimento... enfim, o saber cotidiano do grupo social.

Outra noção que ele desenvolveu em sua concepção construtivista e que a distinguiu de toda a conotação neoliberal, era a noção de **qualidade**. Quando estava à frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo ele nos falava de uma “nova qualidade”⁹. A qualidade é todos (quantidade) terem acesso ao conhecimento e a relações sociais e humanas renovadas. Qualidade é **empenho ético, alegria de aprender**. Para o pensamento neoliberal, a qualidade se confunde com a **competitividade**, negando a necessidade da **solidariedade**. As pessoas não são competentes porque são competitivas, mas porque sabem enfrentar seus problemas cotidianos junto com os outros.

Uma outra contribuição de Freire à história das idéias pedagógicas é a sua **concepção de currículo**. Não se pode entender a pedagogia de Freire sem entender os conceitos de transdisciplinaridade, transcurricularidade e interculturalidade¹⁰. A inter e a transdisciplinaridade freireanas não são apenas um **método** pedagógico ou uma **atitude** profissional. Elas se constituem numa verdadeira **exigência** da própria natureza do ato pedagógico. Paulo Freire, na prática, sabia trabalhar com **várias disciplinas** ao mesmo tempo: a etnografia, a teoria literária, a filosofia, a política, a economia, a sociologia, etc. Trabalhava mais com teorias do que com disciplinas ou currículos. Insistia que os alunos buscassem fora de seu currículo escolar outros conhecimentos e saberes, em outras disciplinas, na literatura, em outras linguagens e formas de comunicação. Para o ato pedagógico concorrem muitas ciências. Ele trabalhava ao mesmo tempo também com **várias perspectivas** teóricas: a do militante político, do filósofo da libertação, do cientista, do intelectual, do revolucionário, etc.

3. Cruzando fronteiras

As teorias de Paulo Freire cruzaram as fronteiras das disciplinas, das ciências, para além da América Latina. Ao mesmo tempo em que as suas reflexões foram aprofundando o tema que ele perseguiu por toda a vida – a educação como prática da liberdade – suas abordagens transbordaram-se para outros campos do conhecimento, criando raízes nos mais variados solos – desde os mocambos do Recife às comunidades burakunins do Japão - fortalecendo teorias e práticas educacionais, bem como auxiliando reflexões não só de educadores, mas também de médicos, terapeutas, cientistas sociais, filósofos, antropólogos e outros profissionais. Seu pensamento é considerado um **parâmetro de transdisciplinaridade**.

Não podemos ver a Freire apenas como um educador de adultos ou como um acadêmico, ou reduzir sua obra a uma técnica ou metodologia. Ela deve ser lida dentro do contexto da “natureza profundamente radical de sua teoria e prática anti-colonial e de seu discurso pós-colonial”, como no diz Henry Giroux¹¹. Isso nos vai mostrar que Freire assumiu o risco de **cruzar fronteiras** para poder ler melhor o mundo e facilitar novas posições sem sacrificar seus compromissos e princípios.

As barreiras e fronteiras estão sempre à nossa volta. Os intelectuais e educadores que ocupam fronteiras muito estreitas não percebem que elas também tem a capacidade de aprisioná-los. Nesse sentido, é preciso relevar a importância da obra de Paulo Freire em termos mais globais. Seria ingênuo considerar a sua pedagogia como uma pedagogia só aplicável no chamado “Terceiro Mundo”.

A obra de Paulo Freire tem sido reconhecida mundialmente não apenas como uma resposta a problemas brasileiros do passado ou do presente, mas como uma contribuição original e destacada da América Latina ao pensamento pedagógico universal. Não se pode dizer que seu pensamento responda apenas à questão da educação de adultos ou à problemática social dos países pobres.

⁹ Maria del Pilar O’Cádiz, Pia Linquist Wong e Carlos Alberto Torres, *Education and Democracy: Paulo Freire, Social Movements and Educational Reform in São Paulo*. Westview, 1998.

¹⁰ Ver Luiza Cortesão, *Ser professor: um ofício em risco de extinção*. São Paulo, Cortez/ IPF, 2002.

¹¹ In Peter Maclaren and Peter Leonard, organizadores, *Paulo Freire: a Critical Encounter*, Routledge, 1993, p. 177.

Quais são as contribuições mais destacadas de Paulo Freire e que lhe deram tamanha notoriedade?

Creio que a **validade universal** da teoria e da práxis de Paulo Freire está ligada sobretudo a **quatro intuições** originais, já destacadas sobretudo nos trabalhos de Carlos Alberto Torres, especialmente em seu livro *Pedagogia da luta: da pedagogia do oprimido à escola pública popular*¹²:

1ª - Ênfase nas **condições gnosiológicas da prática educativa**. Toda obra de Paulo Freire está permeada pela idéia de que educar é conhecer, é ler o mundo, para poder transformá-lo. Ele destacou, desde o início, a importância das metodologias, o que é muito atual. Foi acusado de não dar valor aos conteúdos e, por isso, de ser espontaneísta e não-diretivo. Na verdade ele não foi nada disso: seu pensamento estava fortemente orientado por um projeto político-pedagógico cujo conteúdo era a libertação. As críticas de espontaneísmo e de não-diretividade não procedem.

2ª Defesa da **educação como ato dialógico** e, ao mesmo tempo, rigoroso, intuitivo, imaginativo, afetivo. Paulo destaca a necessidade de uma razão dialógica comunicativa. A teoria do conhecimento de Paulo Freire reconhece que o ato de conhecer e de pensar estão diretamente ligados à relação com o outro. O conhecimento precisa de expressão e de comunicação. Não é um ato solitário. Além de ser um ato histórico, gnosiológico e lógico ele contém um quarto elemento que é a sua dimensão dialógica.

3ª A noção de **ciência aberta às necessidades populares** ligada, portanto, ao trabalho, ao emprego, à pobreza, à fome, à doença etc. Seu método, por isso, não parte de categorias abstratas, mas das necessidades das pessoas, capturadas nas suas próprias expressões (valor da oralidade) e analisadas por ambos, educador e educando. Nos últimos anos Paulo Freire destacou também as *necessidades planetárias* trazidas ao debate pela ecologia, como necessidades humanas fundamentais, ligadas, por exemplo, ao saneamento básico, ao lixo, à água, à poluição do ar. Dia 17 de abril de 1997, poucos dias antes de falecer, ele falava de **ecopedagogia**, afirmando que amava a Terra, os bichos, as plantas. Dizia ele numa entrevista dada no Instituto Paulo Freire naquele dia: “Quero sem lembrado como alguém que amou a vida, os homens, as mulheres, as plantas, os animais, a Terra”. Um dos seus últimos livros foi *À sombra desta mangueira* onde ele fala do prazer de respirar ar puro (uma das necessidades humanas), de entrar num rio despoluído, de pisar na grama, na areia da praia. E criticava a lógica capitalista que não valoriza esses prazeres gratuitos oferecido pela natureza e por substituí-los por prazeres vendidos e comprados, prazeres que dão lucro. O capitalismo tem necessidade de substituir “felicidades gratuitas” (necessidades humanas) por “felicidades vendidas e compradas”, que são, acima de tudo, necessidades do capital e, muitas vezes, não são necessidades humanas; são necessidades impostas aos seres humanos, com a finalidade do lucro.

4ª O **planejamento comunitário, participativo**, a gestão democrática, a pesquisa participante. Sob influência do pensamento de Paulo Freire hoje no Brasil estão se realizando muitas experiências educacionais de enorme impacto, relacionadas com a chamada “Constituinte Escolar”, que utiliza os princípios metodológicos freireanos e com o emblemático “Orçamento Participativo” no quadro do movimento pela **Escola Cidadã**, outra expressão também utilizada por ele nos últimos anos.

O reconhecimento de Paulo Freire fora do campo da pedagogia, demonstra que o seu pensamento é também **transdisciplinar** e **transversal**. A pedagogia é essencialmente uma ciência transversal. Desde seus primeiros escritos considerou a escola muito mais do que as quatro paredes da sala de aula. Criou o “Círculo de Cultura”, como expressão dessa nova pedagogia que não se reduzia à noção simplista de “aula”. Na sociedade do conhecimento de hoje isso é ainda muito mais verdadeiro, já que o “espaço escolar” é muito maior do que a escola. Os **novos espaços da formação** (mídia, rádio, TV, vídeo, igrejas, sindicatos, empresas, ONGs, espaço familiar, Internet...) alargaram a noção de escola e de sala de aula. A educação tornou-se comunitária, virtual, multicultural e ecológica e a escola estendeu-se para a cidade e o

¹² Carlos Alberto Torres, *Pedagogia da luta: da pedagogia do oprimido à escola pública popular*. Campinas, Papyrus, 1997. Veja-se também, do mesmo autor, *Estudios freireanos*. Buenos Aires, Libros del Quirquincho, 1995.

planeta. Hoje se pensa em rede, se pesquisa em rede, trabalha-se em rede, sem hierarquias. A noção de hierarquia (saber-ignorância) é muito cara à escola capitalista. Ao contrário, Paulo Freire insistia na **conectividade**, na gestão coletiva do conhecimento social a ser socializado de forma ascendente. Não se trata mais de ver apenas a “cidade educativa”¹³ (Edgar Faure) mas de enxergar o planeta como uma escola permanente.

Abrir a escola para o mundo, como queria Paulo Freire, é uma das condições para a sua sobrevivência com dignidade, nessa travessia de milênio. O novo espaço escolar é o planeta porque a Terra tornou-se nosso endereço comum. O novo paradigma educativo funda-se na condição planetária da existência humana. A **planetaridade** é uma nova categoria que fundamenta o **Paradigma Terra**, isto é, a visão utópica da Terra como um organismo vivo e em evolução, onde os seres humanos se organizam como uma única comunidade, compartilhando a mesma morada com outros seres e coisas.

4. Humanismo e dialética

Quais são as **fontes primárias** do seu pensamento? Que autores o influenciaram ou tiveram ressonância nele? Em que corrente ou tendência pedagógica contemporânea poderia ele ser inserido?

Eis algumas perguntas que muitos me fizeram depois de escrever alguns textos sobre Paulo Freire, principalmente depois do livro *Paulo Freire: uma biobibliografia* (1996)¹⁴.

Conversei várias vezes com ele sobre isso. Ele sempre se esquivava. Dizia que isso não era importante. De fato, ele não se interessava muito em saber quais eram os autores ou as correntes filosóficas que o influenciaram. Não é fácil inseri-lo dentro de alguma corrente pedagógica. Ele não se interessava por exegese, nem da exegese dos seus textos. Lia-os e relia-os muito para ver se continham equívocos e até para entender-se melhor, aprofundar suas posições. Por isso, cabe a nós, aos estudiosos do seu pensamento, buscar responder a essas perguntas.

Creio que duas foram as fontes mais importantes do seu pensamento: o **humanismo** e o **marxismo**. Nesta ordem. Em outras palavras: humanismo e dialética.

Paulo Freire foi um dos últimos humanistas. Em seus primeiros escritos, principalmente no seu primeiro livro (escrito em 1959 como tese doutoral e publicado apenas em 2001 pelo Instituto Paulo Freire) *Educação e atualidade brasileira*, ele cita com frequência os filósofos humanistas cristãos Gabriel Marcel e Jacques Maritain, autores que eram muito discutidos nos anos 50. Como humanista afirmou e difundiu a crença de que era possível mudar a ordem das coisas e mostrou como fazê-lo. Para ele a utopia era o verdadeiro realismo do educador.

Embora não se possa falar com muita propriedade de fases do pensamento freireano, pode-se pelo menos dizer que a influência do marxismo deu-se depois da influência humanista cristã. São momentos distintos, mas não contraditórios. Como afirma o filósofo alemão Woldietrich Schmied-Kowarzik, em seu livro *Pedagogia dialética*, Paulo Freire combina temas cristãos e marxistas na sua pedagogia dialético-dialógica¹⁵. **Paulo Freire é um dialético**. A educação é uma prática antropológica por natureza, portanto ético-política. Por essa razão, pode tornar-se uma prática libertadora. O tema da libertação é ao mesmo tempo cristão e marxista. O método utilizado é que é diferente; a estratégia é diferente. O fim é o mesmo. Encontramos Hegel como referência desde o início. A relação opressor-oprimido lembra a relação senhor-escravo de Hegel. Depois veio Marx, Gramsci, Habermas. Seu pensamento é **humanista e dialético**.

A afirmação da utopia como práxis docente e discente lembra o paradigma humanista, cristão e socialista. O que há de original em Freire, com relação ao marxismo ortodoxo é que ele afirma a **subjetividade** como condição da revolução, da transformação social. Daí o papel da educação como conscientização. Ele afirma o papel do sujeito na história e a história como possibilidade. A história é possibilidade. Não através de um movimento mecanismo de luta de

¹³ Edgar Faure e outros, *Apprendre a Être*. Paris, Fayard/UNESCO, 1972.

¹⁴ Moacir Gadotti (org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo, Cortez/ IPF, 1996.

¹⁵ Woldietrich Schmied-Kowarzik, *Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

classes, pura e simplesmente, mas pela ação consciente de sujeitos históricos organizados. Paulo Freire sustentava que o socialismo é uma utopia que precisa ser renovada pela educação. Isso havia escapado a Marx e a Lênin e aos marxistas em geral que pouca importância deram à educação. Por isso Paulo Freire foi criticado pela ortodoxia marxista.

5. Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação

As perspectivas atuais da educação estão marcadas hoje pela **questão do conhecimento**. E não é por acaso. O conhecimento tornou-se peça chave para entender a própria sociedade atual. Fala-se em sociedade do conhecimento, às vezes com impropriedade. Mais do que a era do conhecimento devemos dizer que vivemos a era da informação, pois percebemos com mais facilidade a disseminação da informação e de dados, muito mais do que de conhecimentos. O acesso ao conhecimento é ainda muito precário, sobretudo em sociedades com grande atraso educacional.

Hoje as teorias do conhecimento na educação estão centradas na aprendizagem. Partindo do seu pensamento, podemos colocar algumas questões muito atuais e que preocupavam Paulo Freire.

1ª - *O que é conhecer?* É construir categorias de pensamento, dizia Piaget. É ler o mundo e transformá-lo, dizia Freire. Conhecer é tudo isso – construção de categorias de pensamento, ler o mundo, transformar o mundo – mesmo porque não é possível construir categorias de pensamento como se elas existissem *a priori*, independentemente do sujeito que, ao conhecer, reconstrói o que conhece.

2ª - *Como se conhecer?* Só é possível conhecer quando se deseja, quando se quer, quando nos envolvemos profundamente no que apreendemos. No aprendizado, gostar é mais importante do que criar hábitos de estudo, por exemplo. Hoje se dá mais importância às metodologias da aprendizagem, às linguagens e às línguas, do que aos conteúdos. A transversalidade e a transdisciplinaridade do conhecimento é mais valorizada do que os conteúdos longitudinais do currículo clássico.

3ª *O que conhecer?* Frente à disseminação e à generalização do conhecimento é necessário que a escola e o professor, a professora, façam uma seleção crítica, pois há muito lixo e propaganda enganosa sendo veiculados como conhecimento científico. Não faltam, também na era da informação, encantadores da palavra para tirar algum proveito, seja econômico, seja religioso, seja ideológico.

4ª - *Por que conhecer?* Conhecer é importante porque a educação se funda no conhecimento e o conhecimento na atividade humana. Para inovar é preciso conhecer. A atividade humana é intencional, não está separada de um projeto. Conhecer não é só adaptar-se ao mundo. É condição de sobrevivência do ser humano e da espécie.

Para nós educadores, educadoras, não basta saber como se constrói o conhecimento. Nós precisamos dominar outros saberes da nossa difícil tarefa de ensinar. Precisamos saber o que é e, sobretudo, **como aprender**. As teses a seguir foram tiradas de múltiplas vivências, seja da minha prática, seja de teóricos que estudei, mas sobretudo da convivência de 23 anos com Paulo Freire. Aprendi dele muitas lições. Tivemos oportunidade, com frequência, de trocar idéias sobre isso. Paulo, como educador, estava preocupado constantemente com o ato de aprender, de estudar, de ensinar.

1ª - *Aprendemos a vida toda.* Não há tempo próprio para aprender. Todos podem aprender.

2ª - *Aprender não é acumular conhecimentos.* Aprendemos história não para acumular conhecimentos, datas, informações, mas para saber como os seres humanos fizeram a história para fazermos história.

3ª - *O importante é aprender a pensar* (a realidade, não pensamentos), aprender a aprender.

4ª - *É o sujeito que aprende* através da sua experiência. Não é um coletivo que aprende.

5ª - *Aprende-se o que é significativo* para o projeto de vida da pessoa. Aprende-se quando se tem um projeto de vida.

6° - *É preciso tempo para aprender* e para sedimentar informações. Não dá para injetar dados e informações na cabeça de ninguém. Exige-se também disciplina e dedicação.

7° - *Aprendemos também ao ensinar*: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”¹⁶.

Para Paulo Freire o conhecimento não estava descolado de um projeto de vida e de sociedade, de um projeto de mundo. A relação entre **educação e utopia** está na base do pensamento freireano. Ela pode ser resumida em quatro pontos:

1° - *Para construir o futuro é preciso primeiro sonhá-lo*, imaginá-lo. No seu último livro, *Pedagogia da autonomia*, ele critica o neoliberalismo exatamente por negar o sonho, por ser fatalista, por negar a possibilidade de mudança. Para ele o neoliberalismo se apresenta, arrogantemente, como a plenitude dos tempos, não reconhece que a história continua se fazendo. O neoliberalismo afirma o “fim da história” porque não lhe interessa que a história mude. Interessa sim que ela continue como está.

2° - *A pedagogia é um guia na construção do sonho*. Não basta sonhar. É preciso saber como construir o sonho. Paulo Freire apresentou os seus “saberes necessários” para realizar o sonho. Ofereceu em *Pedagogia da autonomia*, a mediação pedagógica necessária para conquistá-lo. Todos os livros de Paulo Freire são livros de pedagogia, isto é, são livros destinados à educação para construir o sonho.

3° - *A pedagogia vê primeiro o futuro*, um futuro melhor para todos, a utopia. Depois é que ela se volta para o presente e para o passado.

4° - *A pedagogia freireana é dialógico-dialética*. Não mecânica. A dialética continua válida desde que não exclua a subjetividade. Caso contrário ela se transforma numa mecânica sem sentido que lembra a divina providência cristã. A dialética mecanicista é idealista e idealizadora da realidade.

6. Educar para a paz, a cidadania e a sustentabilidade

Na década de 90, inspirado na obra de Paulo Freire, nasceu no Brasil um grande movimento em torno da tese da **educação para e pela cidadania**, chamado pelo Instituto Paulo Freire de “Projeto da Escola Cidadã”. O movimento pela “Escola Cidadã”, nasceu no final da década de 80 na educação municipal para fazer frente ao projeto político-pedagógico neoliberal. José Eustáquio Romão defendeu esta tese em seu livro *Dialética da diferença*¹⁷, em que confronta o pensamento neoliberal com o pensamento freireano que inspirou o Projeto da Escola Cidadã.

A Escola Cidadã está fortemente enraizada no movimento de educação popular comunitária que, na década de 80, traduziu-se pela expressão *escola pública popular* com uma concepção e uma prática da educação realizada em diversas regiões do país. A concepção de educação popular é certamente a contribuição mais importante da América Latina ao pensamento pedagógico universal.

São inúmeras e profundas as **conseqüências** dessa concepção da educação em termos não apenas de gestão, mas em termos de atitudes e métodos e que formam o novo professor, o novo aluno, o novo sistema, o novo currículo, a nova **pedagogia da educação cidadã**.

Nos últimos anos, a concepção de Escola Cidadã foi marcada pela **Ecopedagogia** entendendo o novo currículo com base na idéia de sustentabilidade. A educação para e pela cidadania é também uma educação para uma **sociedade sustentável**. A Escola Cidadã e a Ecopedagogia sustentam-se no princípio de que todos, desde crianças, temos um direito fundamental que é o de sonhar, de fazer projetos, de inventar, como pensavam Marx e Freire; todos temos o direito de decidir sobre nosso destino, também as crianças, como sustentava o educador polonês Janusz Korczak¹⁸.

¹⁶ Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1997, p. 25.

¹⁷ José Eustáquio Romão. *Dialética da diferença: o projeto da escola cidadã frente ao projeto pedagógico neoliberal*. São Paulo, Cortez, 2000.

¹⁸ Janusz Korczak. *Como amar uma criança*. Prefácio de Bruno Bettelheim. São Paulo, Paz e Terra, 1986.

Não se trata de reduzir a escola e a pedagogia atuais a uma *tabula rasa* e construir por cima de suas cinzas a Escola Cidadã ideal e a ecopedagogia. Não se trata de uma escola e de uma pedagogia “alternativas”, no sentido de que devem ser construídas separadamente da escola e da pedagogia atuais. Trata-se de, no interior delas, a partir da escola e da pedagogia que temos, dialeticamente, construir outras possibilidades, sem aniquilar tudo o que existe. O futuro não é o aniquilamento do passado, mas a sua superação.

Os problemas atuais, inclusive os problemas ecológicos, são provocados pela nossa maneira de viver e a nossa maneira de viver é inculcada pela escola, pelo que ela seleciona ou não seleciona, pelos valores que transmite, pelos currículos, pelos livros didáticos. Precisamos reorientar a educação a partir do **princípio da sustentabilidade**, isto é, retomar nossa educação em sua totalidade. Isso implica uma revisão de currículos e programas, sistemas educacionais, do papel da escola e dos professores e da organização do trabalho escolar. A ecopedagogia, tal como vem sendo desenvolvida pelo Instituto Paulo Freire, implica uma *reorientação dos currículos* para que incorporem certos princípios da **cultura da paz** e da **sustentabilidade**.

Paulo Freire havia dito no Instituto Paulo Freire que pretendia escrever um livro sobre Ecopedagogia. Ele já havia estimulado Francisco Gutiérrez a escrever sobre o tema¹⁹. Ele estava escrevendo quando veio a falecer em 1997, deixando suas reflexões iniciais num pequeno texto que, depois de sua morte, foi publicado num livro organizado pela viúva Ana Maria Araujo Freire: *Pedagogia da indignação*. Nesse texto Paulo Freire escreve: “Urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos fundamentais como o respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornamos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem que estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador (...). Neste sentido me parece uma contradição lamentável fazer um discurso progressista, revolucionário e ter uma prática negadora da vida. Prática poluidora do mar, das águas, dos campos, devastadora das matas. Destruidora das árvores, ameaçadora dos animais e das aves... De violência contra a vida das árvores, dos rios, dos peixes, das montanhas, das cidades, das marcas físicas de memórias culturais e históricas. De violência contra os fracos, os indefesos, contra as minorias ofendidas...”²⁰.

As pedagogias clássicas eram antropocêntricas. A ecopedagogia parte de uma consciência planetária (gêneros, espécies, reinos, educação formal, informal e não-formal). Ampliamos o nosso ponto de vista. Do homem para o planeta, acima de gêneros, espécies e reinos. De uma visão antropocêntrica para uma consciência planetária e para uma nova referência ética. A Escola Cidadã, orientando-se por uma Ecopedagogia ou **Pedagogia da Terra**²¹, deve, por isso, ser entendida também como uma alternativa para a construção de uma sociedade sustentável.

7. Que legado nos deixou Paulo Freire?

Em primeiro lugar, ele nos deixou sua vida, uma rica **biografia**. Paulo nos encantou com a sua **ternura**, sua doçura, seu carisma, sua coerência, seu compromisso, sua seriedade. Suas palavras e suas ações foram palavras e ações de luta por um mundo “menos feio, menos malvado, menos desumano”. Ao lado do amor e da esperança, ele também nos deixou um legado de indignação diante da injustiça. Diante dela, dizia que não podemos “adocicar” nossas palavras.

Além do testemunho de uma vida de compromisso com a causa dos oprimidos, ele nos deixou uma imensa **obra**, estampada em muitas edições de seus livros, em artigos e vídeos espalhados pelo mundo. Nela se encontra uma **pedagogia revolucionária**. A pedagogia conservadora humilha o aluno. A pedagogia freireana, a “pedagogia do diálogo”, deu **dignidade**

¹⁹ Francisco Gutiérrez e Cruz Prado, *Ecopedagogia e cidadania planetária*. São Paulo, Cortez/IPF, 1999.

²⁰ Paulo Freire, *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo, UNESP, 2000, pp. 66-7; 132-3.

²¹ Moacir Gadotti, *Pedagogia da Terra*. São Paulo, Peirópolis, 2000.

a ele, respeitando o educando e colocando o professor ao lado dele como companheiro, companheira, com a tarefa de orientar e dirigir o processo educativo, como um ser que também busca e aprender ao ensinar.

Como o aluno, o professor é também um aprendiz... Esse é o legado de Freire. No desenvolvimento da sua teoria da educação, Paulo Freire conseguiu, de um lado, desmistificar os sonhos do **pedagogismo** dos anos 60, que, pelo menos na América Latina, sustentava a tese de que a escola tudo podia, e, de outro lado, conseguiu superar o **pessimismo** dos anos 70, para o qual a escola era meramente reprodutora do *status quo*. Fazendo isso - superando o pedagogismo ingênuo e o pessimismo negativista - conseguiu manter-se fiel à utopia, sonhando sonhos possíveis. Fazer hoje o possível de hoje, para, amanhã, fazer o impossível de hoje.

Em março de 1997, um grupo de jovens de Brasília ateou fogo e matou um índio pataxó. Paulo Freire ficou muito impressionado com este horror. E se perguntava por que chegamos a tamanha barbárie. As causas são múltiplas: há a mídia, a escola, a sociedade... todos somos responsáveis. Mas há a impunidade que permite, sobretudo às classes poderosas, fazer quase tudo o que quiserem sem ser punidas. Raramente são punidas. Poucos são os ricos que estão nas cadeias. Por isso precisamos dizer “não pode” sem ter medo de sermos antidemocráticos. Há o que pode e o que não pode ser feito. Diante da injustiça, da impunidade e da barbárie, precisamos de uma **pedagogia da indignação**. Dizer “não” provoca conhecimento. O “não” desacomoda, incomoda, desinstala. Obriga-nos a pesquisar. Dizer “não” é afirmar-se como “eu”. É buscar a ética, é valor, é postura. Paulo Freire nos falava com frequência de uma **pedagogia da rebeldia**.

Para finalizar, gostaria de realçar o significado das muitas **homenagens** a Paulo Freire que estão acontecendo no mundo. Para elas terem um sentido transformador, elas não devem simplificar ou mitificar Paulo Freire. No caso de uma obra tão complexa quanto a de Paulo Freire, há sempre o perigo da simplificação. Ela pode consistir, por exemplo, na escolha de uma frase, de uma passagem ou de um pensamento dele que mais nos agrada e tomá-lo como uma verdade absoluta sem contextualizá-la. Nada menos freireano do que isso. Paulo Freire escreveu muito e é possível tomar certas passagens sem contextualizá-las. Cada uma de suas passagens precisa não apenas ser lida dentro do contexto no qual ele a escreveu, mas no contexto mais amplo de toda a sua obra. Apropriar-se acriticamente e sectariamente de qualquer parte de sua obra é desfigurar Freire.

Paulo Freire confessou certa vez que “não tinha vergonha de ser professor”. Como um plantador do futuro, ele sempre será lembrado porque nos deixou **raízes, asas e sonhos** como herança. Paulo Freire nos deixa um **legado de esperança**. Como criador de espíritos, a melhor maneira de homenageá-lo é reinventá-lo. Não copiá-lo. É levar adiante o esforço de uma educação com uma nova qualidade para todos. Essa nova qualidade não será medida pela quantidade absorvida de conteúdos técnico-científicos apenas, mas, pela produção de um tipo novo de conhecimento, “molhado de existência” e de história, um conhecimento que deve ser, acima de tudo, uma ferramenta de mudança das condições de vida daqueles que não têm acesso à existência plena. Ele nos deixou **teorias e exemplos** que nos podem levar muito além de onde estamos hoje. Como disse um professor logo que ouviu falar de seu falecimento “ele nos deixou mais pobres porque partiu, mas estamos mais ricos porque ele existiu”.

Trata-se agora de dar **continuidade** a seu legado. Mas, o que significa dar continuidade à obra de Freire?

Dar continuidade a Freire, não significa tratá-lo como um “Totem”, ao qual não se pode tocar mas se deve apenas adorar; não significa também tratá-lo como um “guru”, que deve ser seguido por discípulos, sem questioná-lo. Nada menos freireano do que esta idéia. Paulo Freire foi, sobretudo, um criador de espíritos. Por isso deve ser tratado como um grande educador popular. Adorar Freire como um totem, significa destruir Freire como educador. Por isso não devemos repetir Freire, mas “reinventá-lo”, como ele mesmo dizia. Para esta tarefa, não designou esta ou aquela pessoa ou instituição. Esta tarefa ele deixou a todos nós, tão claramente expressa já no *Pedagogia do oprimido*, quando o dedicou “aos esfarrapados do mundo, e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”.

8. Por que devemos continuar lendo Freire?

Linda Bimbi, no belo prefácio da edição italiana da *Pedagogia do Oprimido*, afirma, com razão, que Paulo Freire é “inclassificável”. Passados mais de 30 anos, depois de tantos trabalhos publicados por ele e sobre ele, a afirmação ainda continua válida. Estamos diante de um autor que não se submeteu a correntes e tendências pedagógicas e criou um pensamento vivo orientado apenas pelo ponto de vista do oprimido. Essa é a ótica básica de sua obra, a qual foi fiel a vida toda: a perspectiva do oprimido.

Pedagogia do oprimido foi escrito no Chile em 1968. A pergunta que podemos fazer hoje é a seguinte: esse ponto de vista é ainda válido? Caso não seja válido, já não haveria mais porque continuar lendo Paulo Freire. Ou melhor, Paulo Freire seria um autor já superado, porque sua luta pelo oprimido estaria superada. Ele passaria para a história como um grande educador, mas que não teria mais nada a dizer para o nosso tempo.

Pelo contrário, a sua pedagogia continua válida não só porque ainda há opressão no mundo, mas porque ela responde a necessidades fundamentais da educação de hoje. A escola e os sistemas educacionais encontram-se hoje frente a novos e grandes desafios diante da generalização da informação na sociedade que é chamada por muitos de sociedade do conhecimento, de sociedade da aprendizagem. As cidades estão se tornando educadoras e aprendentes, multiplicando seus espaços de formação. A escola, nesse novo contexto de impregnação do conhecimento, não pode ser mais um espaço, entre outros, de formação. Precisa ser um espaço organizador dos múltiplos espaços de formação, exercendo uma função mais formativa e menos informativa. Precisa tornar-se um “círculo de cultura”, como dizia Paulo Freire, muito mais gestora do conhecimento social do que lecionadora.

Nesse contexto, o pensamento de Paulo Freire é mais atual do que nunca, pois, em toda a sua obra ele insistiu nas metodologias, nas formas de aprender e ensinar, nos métodos de ensino e pesquisa, nas relações pessoais, enfim, no diálogo.

Devemos continuar estudando a sua obra, não para venerá-lo, mas para ser lido como **um dos maiores educadores críticos do século XX**. Honrar um autor é sobretudo estudá-lo e revê-lo criticamente, retomar seus temas, seus problemas, seus questionamentos.

Nisso ele mesmo nos deu um belo exemplo. Paulo retomava com freqüência os mesmos temas. Há algo que permanece constante no pensamento dele: a sua preocupação ética, seu compromisso com os “condenados da Terra” (*Pedagogia do oprimido*), com os “excluídos” (*Pedagogia da Autonomia*). Seu ponto de vista foi sempre o mesmo. O que há de diferente é a ênfase em certas problemáticas que, estas sim, vão se diversificando e evoluindo.

Paulo Freire “retoma” certos temas, como em *Pedagogia da esperança*, “retoma” a sua *Pedagogia do oprimido*. Em sua *Pedagogia da autonomia* ele afirma textualmente que retoma certos problemas, mas não como “pura repetição do que já foi dito”. “No meu caso pessoal”, diz ele, “retomar um assunto ou tema tem que ver principalmente com a marca oral de minha escrita. Mas tem que ver também com a relevância que o tema de que falo e a que volto tem no conjunto de objetos a que direciono minha curiosidade. Tem a ver também com a relação que certa matéria tem com outras que vêm emergindo no desenvolvimento de minha reflexão”²².

Há certamente na obra de Paulo Freire um retorno e um desenvolvimento em espiral de uma grande **polifonia** de temas geradores orientados pela escolha de um ponto de vista emancipador da ciência, da cultura, da educação, da comunicação etc. Por isso pode-se concluir que a obra de Paulo Freire gira em torno de um único objeto de pesquisa. Este objeto estaria já no seu primeiro livro *Educação e atualidade brasileira* e que foi consagrado definitivamente na sua *Pedagogia do oprimido*: a educação como instrumento de libertação.

Por que devemos continuar lendo Freire?

Alguns certamente gostariam de deixá-lo para trás na história das idéias pedagógicas e outros gostariam de esquecê-lo, por causa de suas opções políticas. Ele não queria agradar a todos. Mas havia uma unanimidade em todos os seus leitores e todos os que o conhecerem de perto: o **respeito à pessoa**. Paulo sempre foi uma pessoa cordial, generosa, muito respeitosa. Podia discordar das idéias, mas respeitava a pessoa, mostrando um elevado grau de civilização.

²² Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1997, p. 14-15.

E mais: sua prática do diálogo o levava a respeitar também o pensamento daqueles e daquelas que não concordavam com ele.

A pedagogia do diálogo que praticava fundamenta-se numa filosofia pluralista. O pluralismo não significa ecletismo ou posições “adocicadas”, como ele costumava dizer. Significa ter um ponto de vista e, a partir dele, dialogar com os demais. É o que mantinha a coerência da sua prática e da sua teoria. Paulo era acima de tudo um humanista. Seria a única forma de “classificá-lo” hoje. Não há dúvida de que Paulo Freire foi um grande humanista.

A força da obra de Paulo Freire não está na sua teoria do conhecimento mas em ter insistido na idéia de que é possível, urgente e necessário mudar a ordem das coisas. Ele não só convenceu tantas pessoas em tantas partes do mundo pelas suas teorias e práticas, mas também porque despertava nelas a capacidade de sonhar com uma realidade mais humana, menos feia e mais justa. Ele foi uma espécie de **guardião da utopia**. Deixou-a como legado. Seu legado é acima de tudo **um legado de esperança**.